

## **Canto I**

**Jorge de Lima**

Enviado por:

Publicado em : 11/08/2011 22:09:14

Fundação da Ilha

I

Um barão assinalado  
sem brasão, sem gume e fama  
cumpre apenas o seu fado:  
amar, louvar sua dama,  
dia e noite navegar,  
que é de aquém e de além-mar  
a ilha que busca e amor que ama.

Nobre apenas de memórias,  
vai lembrando de seus dias,  
dias que são as histórias,  
histórias que são porfias  
de passados e futuros,  
naufrágios e outros apuros,  
descobertas e alegrias.

Alegrias descobertas  
ou mesmo achadas, lá vão  
a todas as naus alertas  
de vaia mastreação,  
mastros que apóiam caminhos  
a países de outros vinhos.  
Está é a ébria embarcação.

Barão ébrio, mas barão,  
de manchas condecorado;  
entre o mar, o céu e o chão  
fala sem ser escutado  
a peixes, homens e aves,  
bocas e bicos, com chaves,  
e ele sem chaves na mão.

II

A ilha ninguém achou

porque todos o sabíamos.  
Mesmo nos olhos havia  
uma clara geografia.

Mesmo nesse fim de mar  
qualquer ilha se encontrava,  
mesmo sem mar e sem fim,  
mesmo sem terra e sem mim.

Mesmo sem naus e sem rumos,  
mesmo sem vagas e areias,  
há sempre um copo de mar  
para um homem navegar.

Nem achada e nem não vista  
nem descrita nem viagem,  
há aventuras de partidas  
porém nunca acontecidas.

Chegados nunca chegamos  
eu e a ilha movediça.  
Móvel terra, céu incerto,  
mundo jamais descoberto.

Indícios de canibais,  
sinais de céu e sargaços,  
aqui um mundo escondido  
geme num búzio perdido.

Rosa-de-ventos na testa,  
maré rasa, aljofre, pérolas,  
domingos de pascoelas.  
E esse veleiro sem velas!

Afinal: ilha de praias.  
Quereis outros achamentos  
além dessas ventanias  
tão tristes, tão alegrias?

III

E depois das infensas geografias  
e do vento indo e vindo nos rosais  
e das pedras dormidas e das ramas  
e das aves nos ninhos intencionais  
e dos sumos maduros e das chuvas  
e das coisas contidas nessas coisas  
refletidas nas faces dos espelhos

sete vezes por sete renegados,  
reinventamos o mar com seus colombos,  
e columbas revoando sobre as ondas,  
e as ondas envolvendo o peixe, e o peixe  
(ó misterioso ser assinalado),  
com linguagem dos livros ignorada;  
reinventamos o mar para essa ilha  
que possui “cabos-não” a ser dobrados  
e terras e brasis com boa aguada  
para as naves que vão para o oriente.

E demos esse mar às travessias,  
e aos mapas-múndi sempre inacabados;  
e criamos o convés e o marinheiro  
e em torno ao marinheiro a lenda esquiva  
que ele quer povoar com seus selvagens.

Empreendemos com a ajuda dos acasos  
as travessias nunca projetadas,  
sem roteiros, sem mapas e astrolábios  
e sem carta a El-Rei contando a viagem.  
Bastam velas e dados de jogar  
e o salitre nas vigas e o agiológio,  
e a fé ardendo em claro, nas bandeiras.  
O mais: A meia quilha entre os naufrágios  
que tão bastantes varram os pavores.  
O mais: Esse farol com o feixe largo  
que tão unido varre a embarcação.  
Eis o mar: era morto e renasceu.  
Eis o mar: era pródigo e o encontrei.  
Sua voz? Ó que voz convalescida!  
Que lamúrias tão fortes nessas gáveas!  
Que coqueiros gemendo em suas palmas!  
Que chegar de luares e de redes!

Contemos uma história. Mas que história?  
A história mal-dormida de uma viagem.